

7ª PARTE

LITERATURA INTERCONTEXTUAL

MOMENTOS DE MAR

Poemas de *Virgílio Maia*
Gravuras de *Côca Torquato*

SUMÁRIO

- SONETO
- HQ
- O MUNDO DO MAR
- O HOLANDÊS VOADOR
- MARUJO VELHO
- SONETO DO ENTARDECER II
- COLAGEM DE QUATRO ROMANCES
- A SENHA
- MARINHA
- SETE MOMENTOS DO MAR DA TAHYBA

SONETO

Desde uma marinha de Côca Torquato

Tens à direita o sol nesta aquarela
de barco e vendaval e de salsugem
mais odores de docas quando surgem
nas alturas do céu aladas velas.

Esse apito distante é de um navio
que zarpara uma vez sob a bandeira
do nunca mais voltar rumo ao destino
dos cativos dos cantos das sereias.

Profundezas de peixes e sargaços
à praia se misturam nesse espaço
de bastidor solar e de pincel:

eis presa salpicada de arco-íris
uma parcela azul do mar insigne
imersa em imensa luz neste papel.

HQ

À memória de Hugo Pratt

O berro negro do canhão pirata
sacudiu a brancura das gaivotas.
Era no mar de agosto e uma balada
de espuma e sal saudava a rija popa.

Rumando a Rapa Nui em vasta rota
traçada na sequência dos quadrinhos,
leva o barco muito ouro e coisas outras,
vagando por vagar sobre o Pacífico.

Corto Maltese, o herói anglo-cigano,
reconta em seus balões as singraduras,
desmedidas coragens, lutas, liças.

E surge no longínquo do oceano
indelével sinal de dura luta:
um trapo preto com caveiras e tíbias.



O MUNDO DO MAR

Acima o sol, o céu. À flor das águas
perfil de um barco rasga o firmamento
embalado nas ondas. Vela ao vento,
veleiro viajor veloz se apaga

lá onde, no horizonte, a vista treme.
Vida marinha. Aquáticos relâmpagos.
Vegetais esmeraldas. Mil sargaços
que aos moinhos de sal nunca se rendem.

Na penumbra em que as águas entardecem
luzem olhos de peixes mais recônditos,
fosforescências de onde a luz não vai:

absurdo negror em que se perdem
as últimas visões, no mudo grito
da solidão das rochas abissais.

O HOLANDÊS VOADOR

*De uma lenda contada pelos Sete Mares
Com palavras de Mário Quintana*

Estranha nau: percorre os infinitos
sobrevoando as ondas e os golfinhos
Terrível maldição: quais adivinhos
Saberiam nos mares dos seus gritos?

Olhos azuis de insana singradura,
de aturdido quadrante e nós aflitos,
boiam sem rumo, atados aos proscritos
insondáveis abismos da loucura.

Velejar, velejar é mal sem cura
desse lobo-do-mar e das tulipas.
Nada além de marés e ventos tortos

acha em seu mundo alado se procura
de vinho esvaziar todas as pipas
desse brigue que não demanda os portos.



MARUJO VELHO
A José Helder de Souza

Fui um dia marujo e de atavares
ainda trago comigo o jeito lento.
Curtida a pele pelo céu do Algarves,
sempre escuto sereias. Desespero

se vermelha amplidão assoma aos mares
em doce plenilúnio. Me relembro
de haver visto a vagar certo Holandês,
sobre as águas, voando atrás do tempo.

Sorvo o cheiro dos cais e das marés,
se esta amarga salsugem me vem dentro
de tão doida e doída alma de além.

Só me resta fumar, isto por certo,
fumar, à praia, o meu cachimbo grave
e ouvir num búzio a voz do vento.

SONETO DO ENTARDECER II

Só sei que havia uns pássaros passando,
um menino soltando a sua arraia
e vento, muito vento, que na praia
algum vento é estar sempre soprando.

Tranquilo entardecer de um verão brando:
miro, sem pressa, o mar que não tem pressa
e vejo, tão bonita, também essa
ave marinha branca, vez em quando.

Toda a tarde se faz em mil carinhos,
nesta areia que brinca nos meus pés,
me apagando pegada após pegada.

Vem agora, não sei por quais caminhos,
de que antigas varedas através,
um cheio agreste de castanha assada.



COLAGEM DE QUATRO ROMANCES

Com verso anglo-saxão do séc. X

Mansa praia , não tem ganso selvagem
em rota migratória indo a Bassan.
Quando muito terá, na antemanhã,
catadores de conchas, de passagem.

Ilha não tem, de chuva e forte vento,
à linha esfumaçada do horizonte,
nem galeão que aderne a barlavento
e de tanta saudade se desmonte.

Em desinteressante narrativa,
despida de marujos e andorinhas,
eis a balada deste mar salgado.

Nela apenas alguém ouve, calado,
sarcástico grasnar de aves marinhas
das próprias utopias à deriva.

A SENHA

De uma antiga balada cretense

Amada minha, trago estes limões
neste lenço de seda do Oriente.
Foi tudo o que obtive estando ausente
em tantos anos de navegações.

Trago-te a mim, te entrego os corações
que flechados e azuis trago nos braços.
Quero agora guiar-me por teus passos
e no teu corpo haurir loucas lições.

Abre a porta, não vês que sou eu mesmo?
Sei que o tempo passou enquanto a esmo
doido amante dos mares perlustrei-os.

Sou eu, só eu. Abre esta porta, peço,
pois quem mais saberá deste endereço,
daquele sinalzinho entre os teus seios?



MARINHA

O sossegado barco sobre a areia.
Trespasada de sol, posta ao relento,
velha rede de pesca brilha ao vento
semelhando de aranha enorme teia.

A maré, meio baixa, meio cheia,
plana praia percorre em doce intento
de chegar à menina, em branco alento
ao mar, maré, a tudo toda alheia.

Lá está mar adentro, bem defronte,
a solidez de lítico iceberg,
que das ondas redondas colhe algumas

e por cinturas d'água já lhes ergue
aos mil beijos da firme negra fronte,
no incessante noivado de espumas.

SETE MOMENTOS DO MAR DA TAHYBA

Para Flávia e Rafael Pordeus

As dunas têm perfeito acabamento
de fina alvenaria,
posto sejam em contínuo movimento,
cirandando remota alegoria.
As dunas são tecidas de seus lenços:
ampulhetas enormes, velhos sinos
de doidos pensamentos
badalando galopes beduínos.
As dunas são efêmeras,
mas, num dado momento, estão eternas,
no solene silêncio das quimeras.
Mulheres bronzeadas que se estendem,
com sempre renovada tenra pele,
as dunas se sucedem.

Incontável cardume deu à praia:
foi instante
de quase eternidade.
Eram mil diamantes,
mais a mais ofuscante claridade
de laca, madre-pérola, de jade
em maravilhoso átimo na areia.
Maré cheia,





o mar levou de volta o que era seu.
E se perdeu,
na imagem que se esvai,
rara oportunidade de um haikai.

Uma estrela do mar,
algumas conchas,
um pequeno hipocampo,
o velho búzio,
os corais retirados do arrecife,
duas boias perdidas nas bonanças,
mais três ou quatro coisas
se compõem
num colar de marinhas esperanças.

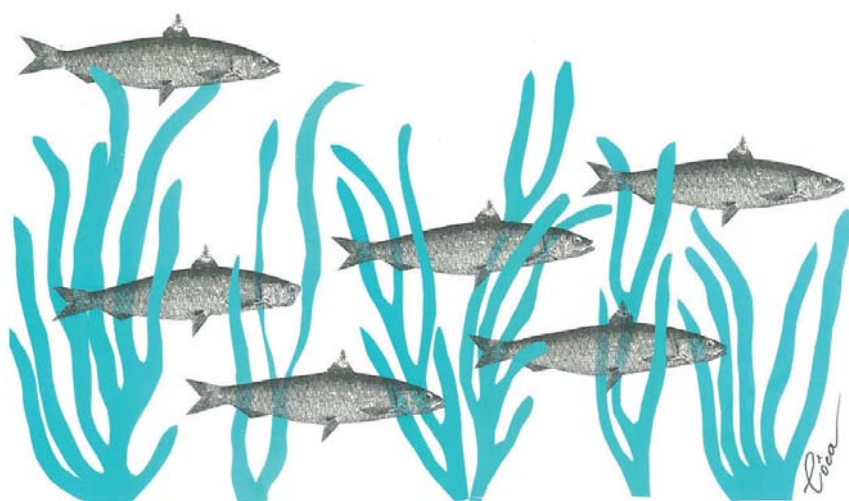
Neste trato de sol, areia e sal
deságua, exausto e só,
tênue e trêmulo tracinho de água doce.
Aqui findou-se,
sumindo no mar,
a dura peleja
da nascente mirrada,
quase nada,
com ondas salgadas,
onde veio, tranquila, se entregar.

E trouxe e traz e doa,
a quem quiser,
água fria no peito-do-pé,
lembranças serranas.
À praia plana,
onde morre e acaba,
oferece,
em primeira e derradeira prece,
a alegria miúda das piabas.

Ao pescador não importa
os sinais cá da terra:
só lhe toca a leitura
as linhas tortas,
do voo que passou.
Sempre acerta.
Tem ouvido aos lampejos que o mar diz,
lê na pauta deste arco sob o céu,
sabe ver quando é tempo e não maldiz,
jamais,
gesto que vem dos bisavós dos pais
o significado das marés.

Quem primeiro a contou
há muito que partiu.





Até mesmo quem disse,
já faz tempo, que tudo era crendice,
a contagem dos meses consumiu.
E essa história de vento e maresia,
longo enredo de lenda e fantasia,
é parte inarredável da paisagem,
que nem estes coqueiros e as jangadas,
o canto agora extinto da jandaia,
a lua sobre o mar no plenilúnio,
temores de infortúnio,
tudo já tão cantado e recantado.
As palavras passeiam,
e é difícil saber se essas pegadas
na areia molhada
são rastro de vivente ou de visagem.

E de repente exsurge, em pleno breu,
uma festa de luzes:
candelabros e cruzes
no perfil de um navio iluminado.
Sob a branca bandeira da memória
demanda a trajetória
traçada pelos barcos do passado.
Falas fenícias se fundem nos ares
às vozes ancestrais

dos portos derruídos e dos cais,
numa bela babel de sete mares.
Zarpa agora o navio afortunado
e talvez rume,
numa canção de remos e naufrágios,
a alguma tropical Última Tule.

